

QUEDA EM FEVEREIRO ATINGE TODAS AS CLASSES E SUBSISTEMAS

CONSUMO DE ELETRICIDADE CAI 5,1% EM FEVEREIRO

O CONSUMO NACIONAL de energia elétrica na rede totalizou 38.495 GWh em fevereiro, recuo de 5,1% sobre igual mês do ano anterior, atingindo todas as classes e subsistemas.

A indústria (-7,2%) continuou a apresentar o maior declínio entre as classes de consumo, com as maiores quedas registradas no Nordeste (-11,5%), Sudeste (-8,5%) e no Sul (-7,4%). Em linha com este cenário, o consumo livre caiu 3,0% em relação a 2015.

Comércio e Serviços registrou a maior retração desde 2004 (-4,8%), com a região Nordeste anotando, pela primeira vez, resultado negativo (-1,7%).

A classe residencial exibiu decréscimo de 3,2%, influenciada pelo cenário econômico adverso e pelas temperaturas mais amenas se comparadas às do ano passado, acarretando menor uso de condicionamento ambiental nos domicílios. ■

BAIXA TENSÃO AINDA EM RETRAÇÃO

Em fevereiro, o consumo nas **residências** (-3,2%) e nos estabelecimentos **comerciais** (-4,8%) continua em queda, em relação a igual mês do ano anterior, totalizando, respectivamente, 11.352 GWh e 7.719 GWh.

O quadro de crédito restritivo conjugado ao mercado de trabalho com perspectiva de aumento do desemprego e retração da renda, tem induzido o consumidor a adotar um comportamento mais cauteloso. De fato, as vendas de eletrodomésticos diminuíram 15,6% nos últimos 12 meses.

Além disso, na tentativa de equilibrar os efeitos da inflação alta sobre o orçamento doméstico e de conter a inadimplência, as famílias vêm procurando reduzir despesas e a energia elétrica não foi exceção – o consumo médio nas residências do País caiu 4,5%, chegando a 159 kWh/mês, contra 167 kWh em fevereiro de 2015.

Nas regiões do País, o consumo residencial no Nordeste registrou um resultado ruim (-2,3%), se comparado ao desempenho observado nos últimos meses. Desde o segundo semestre o consumo residencial na região vem perdendo força, principalmente nos estados de Pernambuco (-7,9%) e do Ceará (-6,1%).

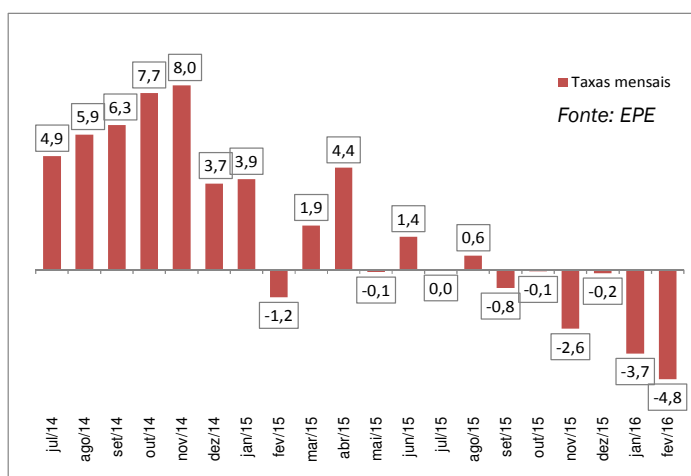
Mais uma vez, o desempenho da classe residencial nas regiões Sul (-4,0%) e Sudeste (-9,0%) ficou abaixo da média nacional - situação que se verifica também na classe comercial. A queda de 10,5% observada nos

domicílios do Rio de Janeiro foi a maior do País.

Na classe comercial, a retração vem apresentando queda contínua nos últimos seis meses, se intensificando em fevereiro (gráfico).

No Sudeste (-6,5%), a queda mais acentuada no consumo comercial ocorreu em Minas Gerais (-9,4%) e no Rio de Janeiro (-9,2%). No Nordeste (-1,7%), o consumo, que até então sustentava taxas positivas, retraiu 1,7%, sendo esta a primeira vez desde 2004 que não mostrou avanço em relação a igual mês do ano anterior. ■

Consumo comercial. Variação sobre igual período ano anterior (%)



Nesta edição:	Pág.
Consumo da indústria recua 7,2% em fevereiro	2
Consumo de energia e produção industrial	3
Estatísticas do consumo de energia elétrica	4



	CONSUMO CATIVO			CONSUMO LIVRE		
	TWh	Δ %		TWh	Δ %	
Fevereiro	29,2	-5,7	▼	9,3	-3,0	▼
12 meses	345,9	-2,5	▼	114,4	-4,2	▼

CONSUMO DA INDÚSTRIA RECUA 7,2% EM FEVEREIRO

Em fevereiro de 2016, o consumo de eletricidade da **indústria** totalizou 13.375 GWh, refletindo uma retração de 7,2% na comparação com o mesmo mês do ano passado.

Dados do CAGED mostram que foram eliminados 26.187 empregos formais em fevereiro deste ano na indústria de transformação. A pesquisa PIM-PF do IBGE apontou redução no ritmo produtivo de 13,8% em janeiro, na comparação anual.

A tabela abaixo ilustra o desempenho da demanda de energia dos onze principais setores da indústria em fevereiro deste ano.

Consumo industrial por setor	
Δ % fev/2016 (*)	
Crescimento	
Prod alimentícios	0,6
Químico	0,1
Queda	
Extração minerais metálicos	-19,4
Têxtil	-17,0
Prod Madeira	-14,3
Automotivo	-13,4
Prod metal, exceto maq equip	-13,4
Prod minerais não-metálicos	-12,7
Borracha e material plástico	-12,5
Metalúrgico	-2,7
Papel e Celulose	-1,4

(*) ante fev/2015

Fonte: EPE/COPAM

As estatísticas de consumo do ramo alimentício sinalizaram ligeiro avanço (+0,6%), principalmente nas regiões Sul (+1,6%) e Centro-Oeste (+6,5%). Entre os crescimentos mais relevantes, estão o de Mato Grosso (+11,3%), associado ao abate e produção de carne bovina e de frango e ao esmagamento de soja, e o do Paraná (+8,1%), sustentado pelo abate de aves e suínos e pela fabricação de ração para animais. No Sudeste (-0,6%), o Espírito Santo exibiu o maior aumento (+10,6%), impulsionado pela produção de bombons, chocolates e carnes bovinas frescas e congeladas.

Em contrapartida, a indústria

alimentícia nordestina registrou a maior retração (-8,3%) entre as regiões. Sobressaiu o declínio de 9,3% em Pernambuco, em função da menor fabricação de farinha de milho e derivados, laticínios, moagem de trigo e produção de sorvetes e outros gelados comestíveis.

A demanda de energia no setor químico anotou alguma estabilidade (+0,1%), com desempenho bastante diversificado entre os estados: queda em São Paulo (-3,8%) e Minas Gerais (-6,6%) e expansão na Bahia (+13,7%) e Alagoas (+8,7%), terceiro e quarto maiores consumidores de energia do segmento (o mais expressivo do Nordeste, representando cerca de 22% do consumo industrial da região). Destaque para os incrementos na produção nordestina de petroquímicos básicos, intermediários para plastificantes, resinas e fibras sintéticas.

Segundo a ABIQUIM, o setor químico vem operando com patamar de utilização da capacidade instalada em torno de 78%, muito baixo para um ramo industrial que trabalha em processo contínuo. Esta performance está vinculada ao forte declínio do mercado interno, uma vez que muitos segmentos que demandam da cadeia química estão debilitados, como a indústria automobilística, construção civil, embalagens e linha branca.

O setor extrativo de minerais metálicos, quinto no ranking de consumo de energia elétrica, registrou decréscimo de 19,4% em fevereiro, o maior da indústria. Bahia (-7,2%), Minas Gerais (-26,7%) e Espírito Santo (-38,7%) apresentaram as maiores quedas, relacionadas aos declínios na produção de minerais metálicos não-ferrosos, minério de ferro e pelotização, respectivamente.

A retração na Fabricação de produtos de borracha e material plástico foi de 12,5% em fevereiro. São Paulo, que corresponde quase à metade do segmento, exibiu recuo de 11,8%, em grande parte pela menor fabricação de artefatos de borracha e de material

plástico, embalagens plásticas e laminados planos e tubulares. A queda no setor está ligada ao cenário adverso dos ramos demandantes, tais como o de bens de capital, automotivo, entre outros.

No segmento de Fabricação de Papel e Celulose (-1,4%), o Rio Grande do Sul (-54,4%) anotou a maior retração entre os estados, visto que um grande cliente deixou de demandar energia da rede para consumir por autoprodução, a partir de geração térmica própria.

O setor de Fabricação de Produtos de Madeira, muito relacionado com a construção civil e com a indústria moveleira, expressou decréscimo de 14,3% em fevereiro. Rio Grande do Sul (-15,7%) e Paraná (-6,7%) retrataram quedas na fabricação de desdobramentos de madeira, artefatos diversos de madeira, cortiça e material trançado e na produção de madeira laminada e de chapas de madeira compensada, prensada e aglomerada. A retração no Pará (-46,9%) está relacionada a um grande cliente que vem utilizando cogeração de energia.

Já o setor têxtil (-17,0%) registrou decréscimo generalizado entre os estados. No Nordeste (-17,0%), Alagoas (-52,0%), Ceará (-13,2%), Sergipe (-14,4%) e Rio Grande do Norte (-8,3%) foram impactados pelas quedas na preparação e fiação de fibras têxteis, fiação de fibras artificiais e de algodão, produção de tecidos de denim e índigo e tecelagem. Em Sergipe, o setor foi impactado pelo desligamento de planta de um grande consumidor.

Por fim, a metalurgia declinou 2,7% em fevereiro, influenciada pelo Nordeste que diminuiu o seu consumo pela metade (maior queda regional), resultado do enfraquecimento da siderurgia no Ceará (-7,3%) e Pernambuco (-6,3%), das ferroligas na Bahia (-25,5%) e da metalurgia do alumínio no Maranhão (-87,2%).■

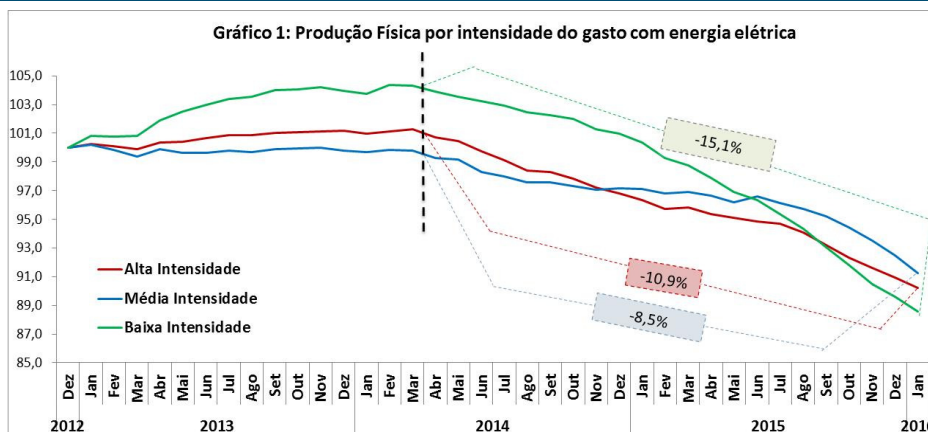
CONSUMO DE ENERGIA E PRODUÇÃO INDUSTRIAL

O CONSUMO INDUSTRIAL de energia elétrica é um indicador significativo da atividade econômica devido ao seu uso como insumo nos processos industriais. Há, de fato, uma alta correlação entre a produção da indústria e o consumo industrial de eletricidade, conforme apresentado na Resenha Nº 97 de outubro/2015.

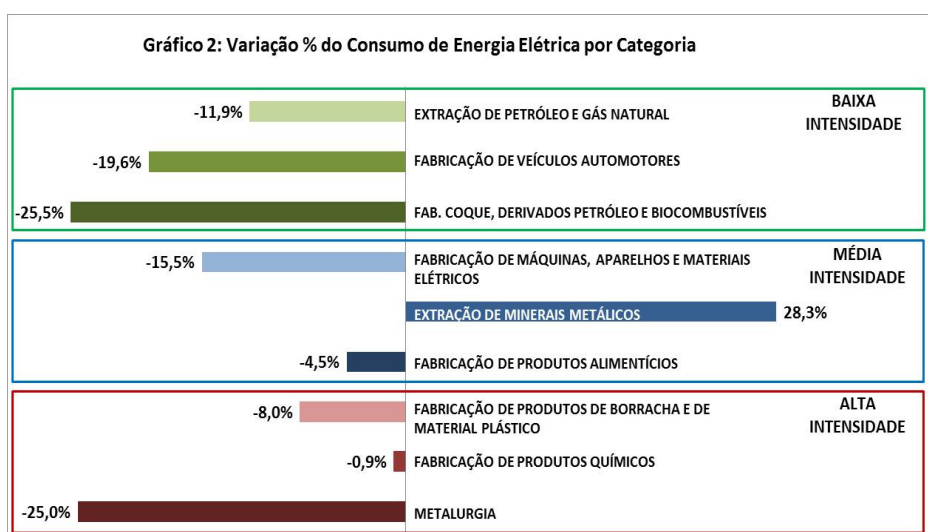
O IBGE divulga séries dos indicadores de produção física industrial por intensidade do gasto com energia elétrica, iniciadas em janeiro de 2002 e que são atualizadas mensalmente, agregando de uma nova forma os 830 produtos constantes da Pesquisa Industrial Mensal—Produção Física, Brasil. Para a classificação, utiliza-se a participação dos gastos na compra de energia elétrica em relação ao valor da transformação industrial, com base nos dados da Pesquisa Industrial Anual-Empresa, de 1998, 1999 e 2000. Com isso, a indústria pode ser classificada em Alta, Média ou Baixa Intensidade do gasto com energia elétrica.

Tais indicadores mostram uma queda generalizada na produção industrial, entre março de 2014 e janeiro de 2016, devido ao cenário econômico desfavorável, conforme ilustrado no Gráfico 1.

Para o período mencionado, observa-se que os segmentos mais afetados foram aqueles ditos de Baixa Intensidade, que apresentaram, em média, retração de 15,1% na produção industrial (Gráfico 1). No Gráfico 2 estão ilustradas as variações do consumo de energia elétrica para os três segmentos mais relevantes dentro da categoria de Baixa Intensidade. Nesse sentido, sob a ótica do



Fonte: Elaboração própria da EPE e IBGE.



Fonte: Elaboração própria da EPE e IBGE. Período entre Mar/2014 a Jan/2016.

consumo de energia elétrica, os setores Automotivo, Petróleo e seus Derivados registraram queda, em média, de quase 20% no período.

Nos segmentos de Média Intensidade, que englobam, dentre outras, a indústria extrativa de minerais metálicos e a de fabricação de produtos alimentícios (Gráfico 2), a retração da produção industrial foi, em média, de 8,5% no horizonte de análise (Gráfico 1). Embora negativa, a variação da produção industrial para a Média intensidade foi menor que as demais categorias devido ao fato do forte viés de exportação das indústrias mencionadas. Ademais, em relação ao consumo de energia elétrica, o segmento de extração de

minerais metálicos cresceu 28,3% durante o período, o que corrobora para a atenuação da queda da categoria.

Já para os setores de Alta Intensidade, a retração foi de 10,9% na produção industrial (Gráfico 1). Os segmentos selecionados no Gráfico 2 somam, aproximadamente, 50% de participação dentro da categoria. A Metalurgia, em especial, responde por 20,8% da variação deste indicador e, apresenta, para o período, retração de 25% no consumo de energia elétrica, conforme Gráfico 2. ■

ESTATÍSTICAS DO CONSUMO DE ENERGIA ELÉTRICA NA REDE (GWh)

REGIÃO/CLASSE	EM FEVEREIRO			ATÉ FEVEREIRO			12 MESES		
	2016	2015	%	2016	2015	%	2016	2015	%
BRASIL	38.495	40.545	-5,1	76.713	81.180	-5,5	460.255	474.069	-2,9
RESIDENCIAL	11.352	11.729	-3,2	23.173	24.230	-4,4	130.258	132.855	-2,0
INDUSTRIAL	13.375	14.420	-7,2	25.926	28.257	-8,3	167.281	177.719	-5,9
COMERCIAL	7.719	8.105	-4,8	15.475	16.155	-4,2	89.703	90.046	-0,4
OUTROS	6.049	6.290	-3,8	12.139	12.537	-3,2	73.014	73.449	-0,6
CONSUMO TOTAL POR SUBSISTEMA									
SISTEMAS ISOLADOS	326	302	7,9	652	627	4,0	3.955	3.804	4,0
NORTE	2.594	2.623	-1,1	5.218	5.390	-3,2	32.811	33.626	-2,4
NORDESTE	5.811	6.123	-5,1	11.891	12.408	-4,2	72.471	72.556	-0,1
SUDESTE/C.OESTE	22.460	23.845	-5,8	44.743	47.794	-6,4	269.765	279.657	-3,5
SUL	7.304	7.652	-4,6	14.208	14.961	-5,0	81.253	84.426	-3,8
REGIÕES GEOGRÁFICAS									
NORTE	2.670	2.543	5,0	5.376	5.237	2,7	33.559	32.523	3,2
RESIDENCIAL	730	678	7,8	1.480	1.404	5,4	9.147	8.586	6,5
INDUSTRIAL	1.199	1.144	4,8	2.415	2.381	1,4	14.918	14.812	0,7
COMERCIAL	389	377	3,2	780	760	2,7	4.959	4.761	4,1
OUTROS	351	345	1,9	701	693	1,2	4.535	4.362	4,0
NORDESTE	6.347	6.772	-6,3	12.955	13.740	-5,7	79.256	80.979	-2,1
RESIDENCIAL	2.190	2.241	-2,3	4.485	4.540	-1,2	26.018	25.698	1,2
INDUSTRIAL	1.863	2.105	-11,5	3.746	4.303	-12,9	24.107	26.774	-10,0
COMERCIAL	1.159	1.180	-1,7	2.350	2.366	-0,7	14.076	13.637	3,2
OUTROS	1.135	1.246	-8,9	2.374	2.531	-6,2	15.056	14.869	1,3
SUDESTE	19.369	20.774	-6,8	38.557	41.633	-7,4	231.531	241.679	-4,2
RESIDENCIAL	5.619	5.931	-5,3	11.486	12.382	-7,2	63.865	66.669	-4,2
INDUSTRIAL	7.085	7.747	-8,5	13.658	15.092	-9,5	88.754	94.438	-6,0
COMERCIAL	4.172	4.462	-6,5	8.397	8.915	-5,8	48.291	49.026	-1,5
OUTROS	2.493	2.634	-5,4	5.015	5.244	-4,4	30.621	31.546	-2,9
SUL	7.304	7.652	-4,6	14.208	14.961	-5,0	81.253	84.426	-3,8
RESIDENCIAL	1.889	1.968	-4,0	3.840	4.031	-4,7	20.163	21.131	-4,6
INDUSTRIAL	2.524	2.724	-7,4	4.716	5.087	-7,3	30.711	32.473	-5,4
COMERCIAL	1.393	1.469	-5,2	2.744	2.893	-5,1	15.012	15.371	-2,3
OUTROS	1.499	1.491	0,5	2.909	2.950	-1,4	15.367	15.451	-0,5
CENTRO-OESTE	2.805	2.803	0,1	5.617	5.609	0,1	34.656	34.462	0,6
RESIDENCIAL	924	911	1,4	1.881	1.873	0,5	11.065	10.770	2,7
INDUSTRIAL	705	700	0,7	1.391	1.395	-0,3	8.791	9.221	-4,7
COMERCIAL	607	618	-1,9	1.204	1.223	-1,5	7.366	7.251	1,6
OUTROS	569	573	-0,7	1.141	1.119	1,9	7.434	7.220	3,0

Fonte: Comissão Permanente de Análise e Acompanhamento do Mercado de Energia Elétrica - COPAM/EPE. Dados preliminares.

A EPE se exime de quaisquer responsabilidades sobre decisões ou deliberações tomadas com base no uso das informações contidas nesta Resenha, assim como pelo uso indevido dessas informações.



RESENHA

Mensal do Mercado de Energia Elétrica

Presidente

Maurício T. Tolmasquim

Diretor de Estudos Econômico-Energéticos e Ambientais

Ricardo Gorini de Oliveira

Diretor de Energia Elétrica

Amílcar Guerreiro

Diretor de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis

Gelson Baptista Serva

Diretor de Gestão Corporativa

Ávaro Henrique Matias Pereira

Coordenação Geral

Maurício T. Tolmasquim

Ricardo Gorini de Oliveira

Coordenação Executiva

Jeferson B. Soares

Comunicação e Imprensa

Denise Maria Luna de Oliveira

Equipe Técnica

Carla C. Lopes Achão (coord.)

Allex Yujhi Gomes Yukizaki

Arnaldo dos Santos Junior

Simone Saviolo Rocha

Thiago Toneli Chagas

Revisão

Camila de Araujo Ferraz

João M. Schneider de Mello